



O TEMPO DO LICEU

Uma memória com 175 anos

OS 100 ANOS DO LICEU

Ficámos com uma obra-memória que merece reedição. Traz *tudo*, até *laivos* de mística. A Festa do Centenário foi grande porque grande era o orgulho no resultado. O Lyceu encheu a cidade e a cidade abraçou o Liceu. O Senhor Reitor apesar de ter vindo de outras paragens percebeu a insularidade açoreana no *seu* liceu de 4 Ilhas. Marcou o centenário com o poema “O Homem das Ilhas de Bruma” que dedicou aos alunos do Liceu. Era nota dominante o regozijo pelo valor atingido pelo Liceu (no País), mais tarde confirmado em avaliação sobre o Arquivo Histórico. Mas, merece ainda apreço a pesquisa feita pelo próprio Liceu mostrando onde tinham chegado na vida os Antigos Alunos.

OS 150 ANOS DO TEMPO DO LICEU

Os 150 anos (126 anos de actividade + 24 de Memória) apareceram devido a um Acordo entre a herdeira do Liceu, a nova Escola Secundária e a AAALH. As comemorações (2001-2004), tiveram relevância na Escola (sessões sobre a memória de vários tempos do Liceu), na Sociedade e nas diásporas. A dimensão atingida pode ser explicada pelos tempos de passagem precedentes. Ficaram muitos registos. Destaca-se a obra que marcou o primeiro projecto com recurso ao arquivo histórico (Carlos Lobão e A. Sampaio da Nóvoa) e a grande resposta da Diáspora – mais uma razão de Saudade e a manifestação de uma *mística de pesar* dos que não conseguiram *andar no Liceu*.

OS TEMPOS DE PASSAGEM

São períodos intercalares que marcam a História devendo merecer a devida análise. O ano de 1957 trouxe bons exemplos: O Senhor Governador foi a Lisboa e trouxe o que faltava ao Liceu (passou a não ser necessário ir para S. Miguel ou para a Terceira *tirar* o 3.º ciclo). O Vulcão obrigou a resolver a dúvida... partir ou ficar? E o Arauto, o último, chegou, mas já sem a capa e a batina de outrora.

OS 175 ANOS DO TEMPO DO LICEU

O relógio da vida não pára, chegámos aos 175 anos do Liceu, que trazem 50 da Memória da *Alma Mater*. Desde longe, a referência era a entrada para o Liceu. Há alguns anos são os 50 da Memória da partida (espreitam ainda 3 grupos de finalistas). Fica o compromisso (e o prazer) na descoberta do futuro em novos passados e em *mais* sentido para este que nos tem acompanhado.

A LONGEVIDADE DAS MEMÓRIAS



Recordando o momento da sessão do 25.º aniversário, em que dos três temas desejados para terem longa vida, ao lado das Memórias Biográficas e do Prémio Frederico Machado, neste momento é oportuno destacar o terceiro, a apresentação da passagem do Arquivo Histórico do Liceu para o Arquivo Regional (discurso do director do Arquivo, Dr. Luís Sousa, transcrito no boletim n.º 48). Percebeu-se que dali viriam *novas memórias, novos passados*. Recordamos, também, a notícia no Boletim n.º 56 que trouxe a reunião com o Director da Biblioteca e Arquivo, Doutor Carlos Cruz, lembrando os domínios já integrados em Fundos Arquivísticos, outros em curso e, ainda, o empenho no alargamento do alcance deste labor historiográfico conjunto.

No mesmo âmbito, e assinalando a passagem dos 175 anos do Liceu, a Biblioteca e Arquivo Regional João José da Graça cumpriu a tradição de expor no respectivo registo mensal na Sala de Leitura um documento considerado RARIDADE e outro DOCUMENTO HISTÓRICO DO MÊS.

Para este mês de Junho de 2026 as escolhas foram as seguintes:

- * Como RARIDADE o relatório dos serviços prestados de 1901 a 1903 pela Escola de Preparação para o Magistério Primário subscrito pelo Barão de Roches.
- * E como DOCUMENTO HISTÓRICO DO MÊS o livro de matrículas dos primeiros alunos “ordinários” e “voluntários” em 1852/1853 (32 alunos).

Os temas sobre a historiografia do Tempo do Liceu terão continuidade.

PELA HISTÓRIA DO TEMPO DO CABO SUBMARINO NO FAIAL

O CENTENÁRIO DA FAYAL JOINT STATION

JONH ROSS E A MEMÓRIA DO CENTENÁRIO



Foi muito agradável termos recebido uma Mensagem de nosso Sócio Honorário JOHN ROSS. Aceitou marcar a sua posição no Centenário da FAYAL JOINT STATION, uma das *jóias da coroa* do património do Tempo dos Cabos Submarinos na Horta e do *Espaço Museológico* criado pelo Parlamento dos Açores (2014).

Além do prazer de saber que continua connosco na luta pela afirmação do valor do património do tempo do cabo submarino, é também importante reconhecer a oportunidade da visão que acrescenta nos seus testemunhos que pensa continuar a dar-nos. E será muito útil para dar ao futuro museu mais grandeza histórica compensando a esquecida classificação patrimonial do edifício.

Sabemos bem que esta efeméride da História da Horta dos Cabos Submarinos teria ficado ausente do nosso quotidiano se John Ross não tivesse assumido ao longo do tempo a atitude que tomou e feito o que fez, em vários momentos do nosso percurso de movimento cívico do Grupo dos Amigos. Primeiro, nesse enorme tempo de pesquisa no local certo. Em Inglaterra, no Arquivo do museu de Porthcurno. E, assim, apareceu o plano museológico do futuro museu nas duas versões (na Trinity House e no edifício *aniversariante*, 2014 e 2016). Segundo, na construção da *história que o museu devia contar* (expressão da Professora Susana Goulart Costa, na qualidade de DRCultura) sobre o trabalho em que o *Faial* representou o tempo do cabo telegráfico da História Universal do Cabo Submarino na exposição *O Cabo Submarino num mar de conectividades* para assinalar os 150 da UIT (União Internacional das Telecomunicações, ANACOM, 2015). E, mais uma vez, na Sessão, no Salão Nobre do Município, onde se falou do passado (a última intervenção de John Ross focada no seu percurso no Grupo dos Amigos), se tratou do presente (com a primeira avaliação do projecto do museu pela empresa e com a própria Directora do Museu da Horta) e, ainda, foi abordado o futuro (com a intervenção do

Director da ANACOM/Açores). Com o lançamento pela AAA-LH da obra sobre a *Cronologia da História do Cabo Submarino em Portugal* da autoria do historiador Dr. José Luís Vilela (em que este Centenário vem assinalado não só com a notícia da data do acordo mas, também, com a referência do início imediato da obra e a sua conclusão apenas 1 ano e 5 meses depois).

John Ross aproveitou esta sessão e a publicação do seu trabalho como boa oportunidade para apelar à evocação do Centenário da Fayal Joint Station (estávamos em 2023, e a comemorar os 130 anos da amarração do 1.º cabo no Faial).

Gostaríamos de ter organizado a sessão comemorativa a que este Centenário nos obrigava. Com a pessoa que convidámos, a Professora Ana Paula Silva. Não foi possível devido à ocorrência de doença grave da Professora. Ficam os registos e os apelos de John Ross evocando a importância do significado dessa data – o 18 de Junho de 1926 – talvez a mais expressiva referência da projecção mundial da Horta dos Cabos Submarinos. Recordar-se que esta Professora participou no Colóquio de 2012, com um trabalho sobre o “Triângulo do Atlântico”. Recentemente integrou um grupo internacional de especialistas sobre a História da acção pioneira da Estação de Valentia (e suas derivações em Heart’s Content e Bay Robert’s em cujos arquivos existem vestígios das ligações à Estação da Horta – ver Boletim n.º 56).

Cedemos ao jornal *Tribuna das Ilhas* a mensagem de John Ross por sabermos que a redacção tinha já em curso uma investigação sobre os tempos da história do novo museu (edição *TI* de 19/6/2026). Mas, qual não foi a surpresa quando recebemos uma 2.ª mensagem. Mas diferente. No sentido (não fala do museu). Na visão da História (não se ocupa do tempo do cabo). Na atitude (não há terras ingratas!). No contributo (faltam memórias dos estrangeiros). John Ross deu um “grito de alma”. Sobre o carinho do *João Inglês* pelo Faial!

MENSAGEM DE JOHN ROSS – MEMORIES

FAIAL – A ROSE TINTED VIEW OF A BLUE ISLAND



More than sixty years ago I landed in Horta from EIN’s Angra do Heroísmo to start a tour of duty in Eastern Telegraph’s Submarine Cable Station.

We, the expatriates, had a lifestyle of privilege but no airport, television, dialed telephone service or supermarket. “Social media” took the form of a page of the local newspaper framed outside “O Telegrafo” and further down the road photographs in the window of Foto Jovial or as a last resort catch up on the gossip at the Cafe Internacional.

The beauty of Faial is captured between the lunar landscape of Capelinhos in the west and to the east the dynamic panoramic magnificence of Pico. Lush green fields are bounded by blue Hortensias interwoven with pink Rosas de Sao Joao supported by yellow Rocas. Bright red lanes of bagaco lead between white “cal” painted cottages with their red teracota roofs. Turquoise sea and sky lapped against the black lava coated in white spume occasionally spoilt in Porto Pim by the red blood shed from the whaling factory. Images to be held forever in ones mind without the aid of photoshop!

In general the majority of social entertaining and dining was conducted in individual houses. The spread of amazing cakes was a true delight and left me with a lasting impression that the hostesses were competing in some secret competition. The bolo de caramelo and strawberry cake being my favorite.

Faial provides a kaleidoscope of memories from a land that closely mixed the lifestyles of the affluent privileged with that of the very poor. Expatriates co-existed with locals forming long-term bonds of understanding and friendship. I would like to thank Faial for its generous hospitality and friendships not only in the 1960s but in later years. I would also thank the community of Faial for their support and hospitality towards the expatriates of many nationalities during the Era of the Telegraph Submarine Cables.

When in 1970 the last Telegraph Cable Station succumbed to new technology and in leaving Faial I took with me a souvenir and although a little bent and frayed at the edge after sixty years I still have it with me. Faial thank you for giving me Noemita.

ANTIGO ALUNO QUE SE DESTACA



Luís Manuel Arruda ingressou no Liceu da Horta em 1954. Depois de um longo percurso em que acumulou méritos em domínios, espaços e tempos diversos, ascende a este alto pedestal de notoriedade regional. Mereceu justo destaque dos órgãos políticos cimeiros da Região Autónoma dos Açores.

Cabe-lhe, ainda, a honra de ser acompanhado neste alto Reconhecimento por Frederico Machado, os dois Antigos Alunos que chegaram a este patamar honorífico. Pelo talento e pelo trabalho. Na Cultura, na Ciência e nos valores da Identidade Açoreana.

A AAALH orgulha-se do percurso de Luís Arruda e congratula-se com a distinção que lhe foi conferida.

LUÍS MANUEL ARRUDA AGRACIADO COM A INSÍGNIA AUTONÓMICA DE RECONHECIMENTO *



José Manuel Bolieiro, Presidente do Governo dos Açores, a quem coube a imposição da insígnia a Luís Arruda

Nascido em 1944, na Horta, Luís Manuel Arruda é uma figura de referência no panorama científico e cultural açoriano, destacando-se pelo seu percurso académico, pela investigação na área da biologia e pelo contributo consistente para a divulgação do conhecimento científico nos Açores.

Doutorado em Ciências pela Universidade de Lisboa, com distinção e louvor, e detentor do título de agregado por unanimidade, desenvolveu a sua carreira como professor na Faculdade de Ciências daquela universidade. Ao longo do seu percurso académico, criou disciplinas inovadoras, orientou numerosos trabalhos científicos e contribuiu para a formação de várias gerações de estudantes nas áreas da biologia e da conservação da biodiversidade.

A sua atividade científica foi marcada por uma forte ligação à investigação aplicada, em particular no domínio da biologia marinha e da gestão das pescas. Dirigiu diversos projetos de investigação e colaborou com instituições nacionais e internacionais, tendo sido bolseiro de entidades como a Organização do Tratado do Atlântico Norte e o Instituto Nacional de Investigação Científica, com trabalho desenvolvido em prestigiados laboratórios do Reino Unido.

Para além da docência e da investigação, desempenhou funções relevantes em diversas instituições científicas e culturais, destacando-se como curador das coleções de peixes marinhos do Museu Nacional de História Natural, investigador no IMAR – Instituto do Mar, investigador convidado na Universidade Católica (Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, cujo Conselho Científico integrou),

coordenador-geral da Enciclopédia Açoriana, projeto do Governo dos Açores, e editor do Boletim do Núcleo Cultural da Horta.

Autor de uma obra vasta e diversificada, publicou livros, artigos científicos e textos de divulgação, sendo amplamente citado na literatura especializada. A sua produção inclui ainda uma relevante colaboração em projetos enciclopédicos e uma presença assídua na imprensa regional açoriana, onde contribuiu para a promoção da cultura científica e para a reflexão sobre temas de interesse regional.

Na última fase da sua vida académica, dedicou-se particularmente ao estudo da receção da teoria da evolução nos Açores e à investigação sobre o conhecimento científico do arquipélago desde o século XVI, reforçando a ligação entre ciência, história e identidade açoriana.

O seu envolvimento cívico e cultural traduziu-se ainda na participação em diversas instituições e iniciativas, incluindo o Instituto Açoriano de Cultura, o Instituto Cultural de Ponta Delgada, o Instituto Histórico da Ilha Terceira e a Sociedade Afonso Chaves.

Em reconhecimento pelo seu contributo para a cultura e o conhecimento científico açoriano, foi distinguido, em 2010, com a medalha de mérito municipal dourada da Câmara Municipal da Horta.

Pelo seu percurso académico e científico, pelo contributo para a valorização do conhecimento e pela dedicação à divulgação da cultura açoriana, Luís Manuel Arruda é agraciado com a Insígnia Autonomica de Reconhecimento.

* Texto e fotografia cedidos por cortesia da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (ALRAA)

IN MEMORIAM

JOSÉ ALVES DA ROSA AICA

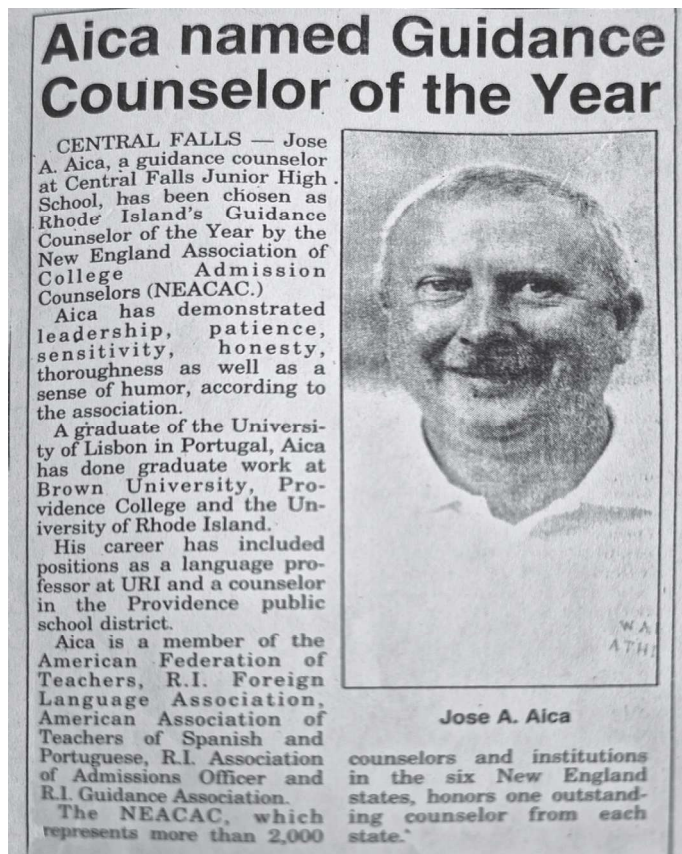


José Alves da Rosa Aica
(12/1/1944-22/5/2026)

nasceu na freguesia dos Cedros, Ilha do Faial. Antigo Aluno, ingressou no Liceu em 1954. No liceu manifestou aptidões em que veio a destacar-se, no domínio das Letras e em vários aspectos da *inquietação* intelectual.

Releva-se o seu contributo na imprensa académica (redactor do ARAUTO de 1959 a 1963). O seu percurso universitário na licenciatura em “germânicas” iniciou-se em Coimbra terminando a licenciatura na Faculdade de Letras de Lisboa. Cedo se dedicou à experiência internacional, segundo se julga, aproveitando a presença de seus pais emigrantes nos EUA, onde teve a oportunidade de concorrer e ser Leitor de Português numa Universidade do Estado de Rhode Island. Seguiu-se um importante percurso no Sistema de Educação americano nas suas diferentes valências. Desde Professor, em que manifestou reconhecidos atributos pedagógicos, director de unidades de ensino e, principalmente, Conselheiro Pedagógico função onde atingiu notoriedade (como se documenta em anexo). Era uma personalidade respeitável no Estado em que viveu, também devido aos muitos êxitos desportivos. Cidadão atento às manifestações de Cultura de que era frequentador assíduo, destaca-se o seu valor como poliglota. Apesar das fortes ligações à sociedade americana (por onde se reformou), José Aica manteve sempre uma estreita relação e participação activa em Portugal em especial no Faial.

Agradecemos os elementos fornecidos para este *In Memoriam* pela Dra. Maria Alves Aica, irmã, pela Dra. Anabela Tomaz,



Curriculum de José Aica publicado por um jornal nos EUA (Estado de Rhode Island)

colega de curso e amiga de longa data e pelo colega e amigo Carlos Dart.

RECORDANDO



Na passagem dos 50 anos da Universidade dos Açores é natural que, a par do crédito à importância histórica da sua criação e do apreço pelo percurso conseguido, se recordem acontecimentos que a ligaram à AAALH.

Relembramos o apoio e a intervenção do Reitor e de outros académicos no lançamento da Universidade Sénior do Faial. O colóquio de encerramento dos 60 anos do Vulcão dos Capelinhos e do Centenário do Nascimento de Frederico Machado. Recentemente, há 4 anos, a organização da 1.ª edição do Prémio Científico Frederico Machado, com o apoio do Governo Regional e do Município da Horta. Mas, talvez, a merecer recordatória mais expressiva, na 1.ª fila do nosso pensamento, estejam os Mestres da 1.ª Hora, os pioneiros da “*Sedes Sapientia*” dos Açores. Entre estes aparece a figura do nosso 1.º Sócio Honorário, Frederico Machado. Deu prova de muito de si, voltou a mudar a sua vida regressando aos Açores para ajudar a credibilizar a instalação da Universidade. Confiante de que não teria de estudar mais uma “*incerteza*”.

Sendo o Professor J. Martins Goulart uma das pessoas bem documentadas para analisar as circunstâncias da instalação da Universidade por força da missão que lhe foi confiada na altura, por isso mesmo, aliás a própria Universidade (em 2004) o convidou para uma sessão nesse sentido sobre Frederico Machado nesse contexto fundador. O seu texto encontra-se no *Liber Amicorum*. Julgamos que seria muito útil continuar a aprofundar estes passados da UAç nas pessoas que a fizeram.

Pela nossa parte neste renovado caminhar pela preservação de fontes de passados, está em curso *mais* Frederico Machado na Universidade de Aveiro. Aconteceram muitos rastros em poucos

anos até à Jubilação. Como um movimento cultural sobre o Silêncio dedicado a Frederico Machado.

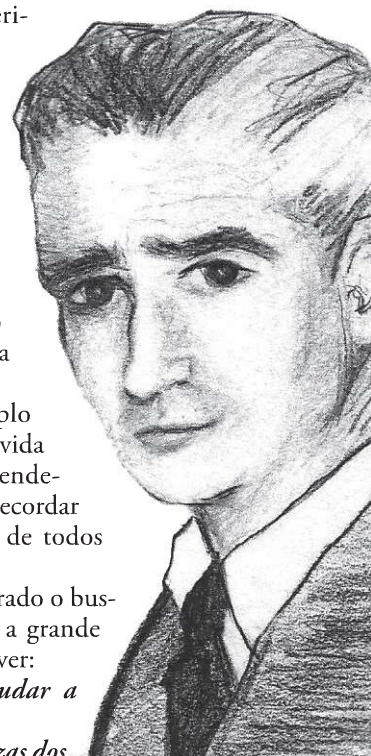
Do que sabemos Frederico Machado foi feliz no seu novo destino, a Universidade de Aveiro. Encontrou o que merecia: um lugar com a dignidade académica para o seu valor e para o seu fim de vida. Partiu. Mas voltava (sem remorso) para ajudar a UAç a suprir a falta que fez e que o distinguia – o ensino das *ciências básicas*, trave-metra do conhecimento superior.

Depois de aturado périplo tentando aceder aos rastros da vida de Frederico Machado, aprendemos que nunca será demais recordar a mensagem que recebemos de todos que nos falaram dele.

No dia em que foi inaugurado o busto nos Capelinhos, apareceu a grande invariante do seu modo de viver:

“Dedicou a sua vida a estudar a incerteza...”

Sempre tolerante com as certezas dos outros!”



Frederico Machado (desenho)